

**Editorial**

## Podemos falar de arquivos enquanto dura a tormenta?

A edição número 10 da *Revista do Arquivo* é publicada com uma quarentena (literalmente) de dias de atraso. É a primeira vez que isso ocorre. Não obstante às inúmeras dificuldades em se manter a edição de periódico complexo como este, mesmo em formato digital, nunca havíamos atrasado, desde o lançamento da edição primeira, em 2015.

Boa parte desta edição foi tecida em contexto inusitado: costurada virtualmente em pontilhados ambientes residenciais, de onde se realizaram tarefas profissionais. Forjar essa coletividade remota, de forma distinta e inusual não foi tão fácil. A pandemia nos impôs difícil reeducação de hábitos. Se a cisão entre as atividades domésticas e profissionais significou dor e alienação, agora, há dor em distingui-las no mesmo ambiente.

Infelizmente, atraso insignificante diante da tragédia vivida no mundo e, em especial aqui no Brasil, que, segundo cálculos de especialistas, já está em vias de se tornar epicentro mundial da pandemia da Covid-19. Aliás, nesse contexto de tragédia em dimensão planetária, a sensação é de não haver clima para outro assunto; nos sentimos desconfortáveis para falar de algo que nos soa dissonante. Tudo parece fora de lugar e extemporâneo. Tudo parece diminuto e irrelevante, causando-nos impacto e sensação de impotência. Até falar de arquivos, neste contexto, parece inoportuno.

Entretanto, arquivo transcende e é tema transversal, tendente a uma espécie de onipresença. Afinal, onde a informação e a produção de conhecimentos circulam, há decantação em registros e, conseqüentemente, em arquivos. Em momentos críticos, os arquivos são importantes fontes de informação para a produção do conhecimento científico. Pensemos naquelas instituições que guardam informações sobre epidemias e pandemias pretéritas: arquivos municipais e estaduais; arquivos de instituições científicas, como os paulistas Institutos Butantan, Emílio Ribas e Pasteur; arquivos de secretarias de saúde e de instituições universitárias. Para não falarmos da joia da ciência e da saúde pública brasileira, a Fiocruz. Quantas informações possíveis para fins de estudos epidemiológicos!

Por este motivo, em tempos sombrios, faz-se necessário redobram-se os esforços para que os arquivos das instituições públicas sejam valorizados, equipados e preparados para armazenar, recolher, tratar, preservar e disponibilizar os documentos produzidos e que façam referência à atual pandemia. Esta e as gerações vindouras necessitam dessa nossa contribuição.

No entanto, no aqui e agora, nós, arquivistas, estamos apreensivos com a descontinuidade dos trabalhos técnicos nas instituições de custódia de patrimônio em situação de quarentena. Como estão ocorrendo os trabalhos de manutenção dos acervos arquivísticos com o isolamento social? Como têm sido contornados os desafios de comunicação com o público exclusivamente por meio virtual? Também nos preocupa a política nacional de desmonte de equipamentos de cultura e de patrimônio, que também soa como ameaça aos nossos arquivos e seus acervos de valor histórico. Artistas, entidades e profissionais de órgãos de patrimônio cultural, há muito se manifestam contra cortes brutais de verbas, demissões e nomeações equivocadas.<sup>1</sup>

### **Difusão em arquivos: necessário, mas não a qualquer preço**

Comunicação institucional é forma discursiva de representação do sujeito social que a emite. Podemos pensar que a melhor comunicação é aquela que, efetivamente, difunde a essencialidade, as atividades

<sup>1</sup> Ver: <https://www.camara.leg.br/noticias/604139-ex-servidores-criticam-mudancas-no-iphan-em-audiencia-na-camara/>  
<https://www.cau.br.gov.br/mudancas-no-iphan-ameacam-protacao-a-cultura-diz-colegiado/>  
<https://iab.org.br/noticias/membros-do-conselho-cultivo-do-iphan-divulgam-carta-aberta-contras-recentes-nomeacoes-no>  
<https://jornal.usp.br/universidade/museus-da-usp-divulgam-nota-de-repudio-pela-nomeacao-de-nova-presidente-do-iphan/>  
<https://www.publishnews.com.br/materias/2020/05/21/servidores-criam-peticao-para-evitar-a-extincao-da-fundacao-casa-rui-barbosa>  
<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50609845>

finalísticas, a missão da entidade da forma mais integral possível. Além disso, que consiga atingir, antes de tudo, o seu público principal, e almejar o maior número possível de contatos. Nesse sentido, é recomendável que a inteligência institucional realize estudos do seu público e procure hierarquizar prioridades e estratégias metodológicas para atendê-lo de forma mais eficaz. Ou seja, deve haver muita racionalidade no planejamento da política de difusão nessas instituições tão carentes de recursos, como são os arquivos.

Comunicação não é apenas chamar a atenção do público, a qualquer custo. Há que se equilibrar a relação entre quantidade e qualidade. Atingir o maior público negando-se essencialidades e permanecendo na superficialidade ilusionista, podem gerar empatias; mas, os arquivos necessitam de muito mais que isto. Por outro lado, a adoção de política para gestão, promoção de tratamento técnico ao acervo e sua disponibilização para os usuários permanecem como prioridades essenciais dos arquivos.

Nesta edição, artigo inédito em língua portuguesa, de autoria do belga Eddy Putt, nos apresenta o conceito de “analfabetismo documental”, ao fazer referência ao público de pesquisadores! No entanto, essa provocativa e feliz expressão se aplica plenamente à grande parte do mundo de gestores e funcionários que atuam, de forma direta ou não, no ciclo vital do documento arquivístico. Sim, “arquivo” e “documento” são palavras abstratas para as pessoas em geral e para usuários e funcionários que tratam cotidianamente com eles, sem enxergá-los. A invisibilidade dos arquivos é crônica e generalizada, não obstante serem quase onipresentes na nossa realidade cotidiana.

E, então, a questão é: como pensar o papel dos serviços de difusão dos arquivos nesse contexto?

E, se avançarmos para o conceito de patrimônio, pensando nos nossos “arquivos históricos”, como difundir a ideia de documentos como tal?

Dá para imaginar o tamanho da responsabilidade de quem atua na área da comunicação institucional?

Estamos satisfeitos com o padrão predominante nos “serviços educativos” dos arquivos? Há estudos e balanços substanciais a esse respeito?

Esta edição não é capaz de responder a essas questões, mas já faz o suficiente ao levantá-las, ao propor a reflexão crítica e proativa. Estamos a precisar disso.

Às bordas do inverno (obscuro) de 2020.